

SAUDAÇÃO À REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU

Aprovada por aclamação no Comício do M.E.S.

No alvorecer deste dia 10 de Setembro de 1974, em que o Estado português reconhece a República da Guiné-Bissau, o Movimento de Esquerda Socialista envia calorosas saudações revolucionárias ao PAIGC.

Esta data não será a mais importante na História do Povo da Guiné-Bissau, pois trata-se apenas da consagração jurídica de uma realidade existente, conquistada ao longo de uma heróica luta. Muito mais importante para essa luta vitoriosa foram outros acontecimentos:

- em 19 de Setembro de 1956, a fundação do PAIGC;
- em 3 de Agosto de 1959, o massacre de Pídjiguiti, em que dezenas de trabalhadores foram assassinados pelas tropas colonialistas;
- em 19 de Setembro de 1959, quando o PAIGC reconheceu que só pela luta armada seria possível a libertação do povo;
- finalmente, em 24 de Setembro de 1973, a proclamação do Estado da República da Guiné-Bissau.

Mas esta data de 10 de Setembro é importante sobretudo para os portugueses. Ela significa a derrota definitiva do colonialismo português na Guiné-Bissau, o fim de uma exploração e de uma opressão de séculos, o fim igualmente de uma guerra em que os trabalhadores portugueses foram levados a matar e a morrer, por conta dos exploradores.

É por isso que nos parece justo evocar neste momento o grande revolucionário Amílcar Cabral, que deu a vida pelo seu povo, os sacrifícios dos combatentes do PAIGC, o sofrimento do povo da Guiné-Bissau, as crianças queimadas com napalm, os soldados de ambos os lados, mortos, feridos e mutilados.

Os militantes do Movimento de Esquerda Socialista, cuja luta anti-colonial já vem de longe, sentem-se profundamente identificados com os objectivos do PAIGC, expressos no programa do Partido:

- na defesa permanente dos interesses dos camponeses e dos operários;
- na necessidade da mobilização e organização das massas populares, para a liquidação da exploração do homem pelo homem;
- na colaboração com todas as forças progressistas, anti-colonialistas e anti-imperialistas do mundo, para a construção de uma vida de paz e de progresso para todos os povos;
- no reconhecimento de que cada povo - como o declarou um dia Amílcar Cabral - "tem necessidade de encontrar a sua própria forma de se mobilizar para a luta".

Assim, a revolução vitoriosa do povo da Guiné-Bissau é para nós um exemplo e um estímulo, e ele prova uma vez mais que a luta dos homens pela sua libertação será uma luta vitoriosa.

"Estamos certos de que a liquidação do colonialismo português arrastará a destruição do fascismo em Portugal". Isto, que Amílcar Cabral declarou um dia, está a cumprir-se. Sem as vitórias dos Movimentos de Libertação, e entre eles o PAIGC, o 25 de Abril não teria existido.

Mas o colonialismo derrotado na Guiné-Bissau, e com ele o fascismo, não está morto: estrebucha em Moçambique, reorganiza-se em Angola, tenta impedir a união dos povos da Guiné e de Cabo Verde, prepara-se para renovar as suas acções criminosas em S.Tomé e Príncipe, faz por esquecer Timor.

O colonialismo tenta manter-se nas colónias, enquanto o fascismo levanta a cabeça entre nós, tudo isto comandado pelo imperialismo.

É por isso que, para além da vitória que o dia de hoje consagra, os nossos povos vão continuar a sua luta. Ela é a luta de todos os explorados e oprimidos, é a luta dos trabalhadores de todo o mundo.

Pela Comissão Executiva Nacional

José Dias

Pela Comissão Política Nacional

António Reis

Pelo Secretariado da Organização

Regional de Lisboa

Amo Teotónio